

Achados e perdidos

Evaristo Eduardo de Miranda (*)

Como é perturbador a gente se perder. Como é difícil procurar um endereço ou um lugar desconhecido, numa cidade desconhecida. Todos já passamos por isso. Desorientados, acabamos por pedir informação para alguém, para um desconhecido. As explicações são sempre parecidas. Do tipo: para chegar lá, siga em frente, vire a segunda à direita, depois no terceiro sinal siga à esquerda e ao chegar numa espécie de praça, na primeira rua... A gente se perde ainda mais, esquece as recomendações e é obrigado a pedir nova orientação. Mas, qual não é o nosso alívio (e alegria) quando, ao pedir uma informação desse tipo, a pessoa diz simplesmente: eu te acompanho até lá! Ou ainda: venha atrás do meu carro, siga-me!.

Essa situação banal, co-

mum no cotidiano, é uma representação bastante fiel das relações existentes entre a condição humana e a revelação divina. Um dia, cansado de ensinar o caminho, explicar, orientar - pelos melhores sábios, mestres e profetas - e

Diante dessa nova espiritualidade, dessa nova era, onde - em plena ilusão - o homem se faz deus, o período do Advento relembra o oposto: Deus se fez homem e habitou entre nós!

de continuar vendo tanta perdição, o Cristo vem a nós e diz: vou acompanhá-los pessoalmente, ou ainda: sigam-me! O mistério da encarnação representa uma mudança radical na situação da criatura frente ao seu Criador. Esse é o significado do Advento, celebrado pelos cristãos neste tem-

po que antecede o Natal: podemos retomar o caminho pois o próprio Deus veio nos acompanhar. Apesar da excitação do comércio e dos negociantes do templo, no período do que precede o nascimento de Jesus, os cristãos celebram o significado da Sua vinda e o alcance inédito do Seu advento.

Mas não é fácil penetrar nesse mistério nos tempos atuais. São tantas coisas a mais para lembrar nestes dias de dezembro: provas de fim de ano, presentes de Natal, décimo-terceiro salário, fim das aulas, planejamento das férias, balanço de mais um ano, um novo emprego... Perdidos em nossos cotidianos, agregamos mais necessidades ilusórias ao nosso oceano de carências. Esta pequena parábola, dos achados e perdidos, nos convida a consagrar alguns minutos à reflexão. Qual o significado, para o humano, dessa

mudança anunciada há dois mil anos por anjo a uma jovem em Nazaré: Deus se fará homem e habitará entre nós?

Hoje, num mundo globalizado, o desejo de saber e poder está sendo levado a limites nunca imaginados. Com a modernidade, o homem deseja ser, e sente-se cada vez mais, onipotente e onisciente. Pelo bem ou pelo mal, o homem moderno pretende ser seu próprio salvador, autor de sua própria redenção, construtor de sua própria religião e, nesse sentido, busca tornar-se um deus. É como se tivesse conseguido comer o fruto proibido da árvore do conhecimento, no jardim do Éden.

Diante dessa nova espiritualidade, dessa nova era, onde - em plena ilusão - o homem se faz deus, o período do Advento relembra o oposto: Deus se fez homem e habitou entre nós!

(*) Evaristo Eduardo de Miranda é doutor em Ecologia, professor da USP, pesquisador do Núcleo de Monitoramento Ambiental da EMBRAPA e autor dos livros "Água, Sopro e Luz" e "Agora e na Hora" (Ed. Loyola). Faz parte da Comissão de Cursos do Instituto Ciência e Fé.

Dezembro 1998 ano 3 nº=2